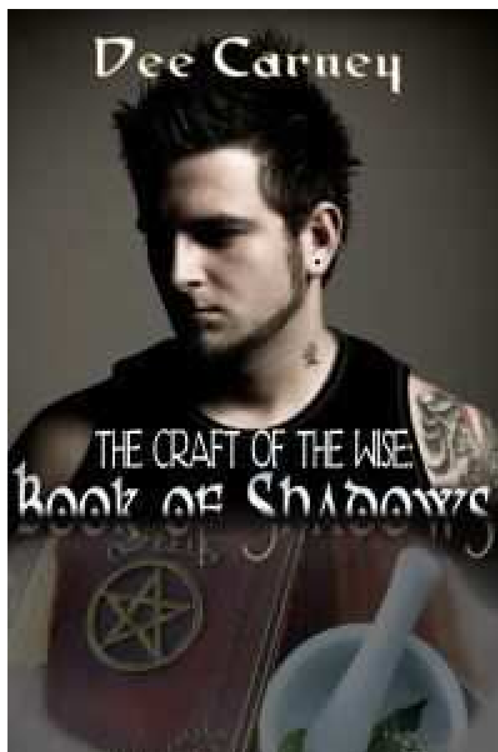


A Arte dos Sábios 1 – Livro das Sombras

Revisora Inicial: Angéllica

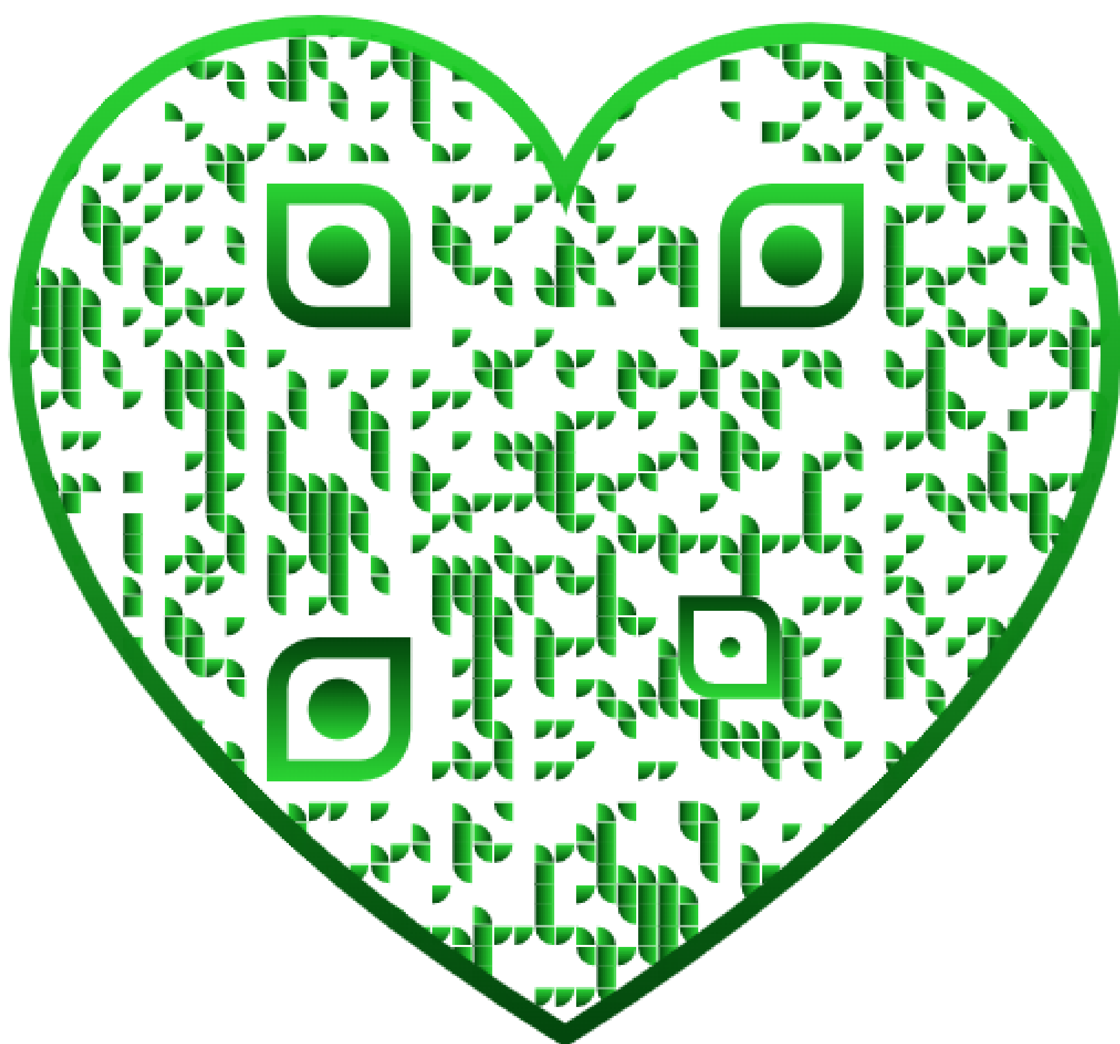
Revisora Final:MIMI

Gênero: Hetero - Sobrenatural

A novata à bruxa Ava Valentine acha que seu papel como princesa do coven, não vale muito... até que um demônio a ataca, aparentemente do nada. Ava é resgatada por Aaron Remington, um lobisomem, que nunca soube estar prometido para protegê-la. Aaron leva seu trabalho como guarda-costas de Ava, literalmente – e em mais de uma maneira. Mas, quando Ava e Aaron se encontram apaixonados, o mal espreita ao virar da curva, pronto para destruir Ava, antes que ela aprenda o quão poderosa realmente é.



*Um **Livro das Sombras,** muito conhecido como BOS (do inglês Book Of Shadows), é um diário usado por praticantes de magia ritual para registrar rituais, feitiços, e seus resultados, bem como outras informações mágicas. Tanto praticantes individuais quanto covens mantêm esse tipo de Livro. Nele são inscritos invocações, receitas de poções, métodos de realização de rituais, contos sobre a mitologia, enfim. Tudo relacionado à Wicca e à Bruxaria.*



Capítulo Um

Ava Valentine amaldiçoou uma torrente de palavras, que teria feito os mortos se levantarem de seus caixões. Se tivesse de dizer ao estúpido Paul só mais uma vez, para empurrar a tampa apertada para baixo...

Ela enfiou de volta um fio de cabelo e depois jogou o peso contra a tampa de lixo. De onde estava, podia ver os detritos espalhados por todo o beco, provavelmente, deixados ali por algum animal à procura de uma refeição livre. Sem tempo para limpar agora, no entanto. Ela enviaria Paul de volta aqui fora, para limpar como penitência.

Assim quando se virou para voltar dentro, viu uma poça de líquido roxo que deve ter vindo do pote derrubado. Seu coração parou de bater por um segundo. Ela foi bruscamente para a esquerda e então virou para a direita, quase esperando que os *'poderes-que-estavam por vir'* viessem descendo para apontar suas transgressões ali mesmo.

Ava caminhou de volta para o lixo e arrombou a tampa.

Espionando as toalhas de papel cobertas, ela não queria pensar sobre o *material,* puxou-os para fora do lixo. Agachou-se e limpou o vazamento. Seu pânico começou a subir quando as toalhas sujas absorveram o líquido. *Céus.* Acidentalmente alguém se recusou a entrar em contato com sua última poção.

Não que nada disso fosse culpa *dela.* Se eles apenas a ensinassem de uma forma mais adequada e oportuna, não teria que experimentar por conta própria. Era uma princesa excêntrica, chorando alto. A realeza de todas as acusações. Mas não. Ela teve que ir através de todo processo completamente de baixa qualidade.

Em qualquer caso, que mal poderia fazer um pouco de experimentação?

Ela manteve os feitiços estritamente para tarefas rotineiras, tais como fazer um aspirador de pó operar por conta própria. Seu gato, Karma, que não se importava com a máquina barulhenta quando inclinava na direção dele, mas ele não tinha voto no assunto. A poção para fazer crescer uma samambaia foi um sucesso moderado. A matiz laranja, no final das folhas poderia ser facilmente esquecido. Se ela pudesse expandir suas magias para enfrentar as tarefas mais eficientes, ninguém teria que saber que não as fazia.

E, além disso, quem já ouviu falar da realeza fazendo tarefas?

Ava suspirou.

Título estúpido. Significava nada no coven.

Ela descartou as toalhas ensopadas de papel e enxugou as mãos na parte de trás da calça jeans. Quando se virou para sair, o odor do lixo flutuava sobre ela e seu estômago enrolou em retaliação. A onda de náusea a lembrou, estranhamente o suficiente, que ia se atrasar para o jantar. Novamente.

Melhor parar de gemer sobre como estavam às coisas e se concentrar em ficar nas boas graças com a Avó. Muito fácil cair do poleiro.

Um barulho suave do vento a levou a tomar um tempo, para olhar ao redor e ao beco. Nada pareceu fora do lugar. Mas o barulho. Era como uma voz, um calmo sussurrou de aviso. Sua avó, por vezes ensinou que, o instinto poderia determinar seu sucesso com A Arte. Certo.

Agora, seu estômago se manifestou na forma de um sinistro som. Talvez não fosse nada, mas então por que ela teve arrepios subindo e descendo nos braços?

Lamentando a sério, ainda não tinha terminado a lição de *invocação*, sua mente caiu para algumas palavras de proteção que sabia. Quando pegou o ritmo, descartou cada palavra que veio para ela. Muito simples. Também voláteis. Muito vago. Delícia!

Um raio de dor percorreu de seu quadril até suas costas. Ela estendeu a mão para a maçaneta, que tinha acabado de virar e torceu. Parou um momento, antes de sucumbir à correr com medo, para dentro do abrigo da casa. Em vez disso, conjurou uma sensação de calma, para lavar a si mesma.

Não havia nada a temer aqui. Estava segura. Esta compreensão repentina de pânico, não fazia sentido e Ava se obrigou a girar-se. Dando alguns passos longe da segurança da porta. Seu coração martelou em seu peito, mas não seria superada por medos irracionais. O sol alaranjado pendurado baixo no céu. Tinha muita luz para ver. O anoitecer não aconteceria por horas ainda.

Talvez o sussurro não fosse um sussurro. Provavelmente apenas alguns gatos, talvez os mesmos que tinham chegado ao lixo dela.

Os próprios gatos sinuosos que conhecia. Ela não tinha pego atenção e o silvo do gato em alerta soou como um sussurro a sua mente distraída. Que fazia sentido. Um frio na barriga poderia ser explicado por uma brisa que deve ter passado, apenas no momento certo.

Exalou lentamente, sua respiração se estabilizou. Tremor.

Dedos se enroscaram em um punho. Antes que voltasse para dentro, necessitava controlar seus nervos.

Ava abriu as mãos e balançou a cabeça de um lado para o outro. Sacudiu os ombros e deixou passar as sensações sobre os braços e as pernas.

Solte-se. Tinha que se soltar.

Ela era uma bruxa. Uma capaz de se defender, um pouco. Só tinha que se concentrar nas palavras certas, invocar direito os sentimentos, e qualquer coisa maléfica que cruzasse seu caminho seria brinde.

Dedos ágeis puxaram através de seu esfregar em seus cachos e ela sorriu. O movimento se sentiu forçado, mas que se dane, se deixaria algum gato aterrorizá-la. Apoiou as mãos nos quadris e deu alguns passos longe da porta, parando quando chegou a lata de lixo de novo.

Foi quando o viu.

O demônio ficou nas sombras, sua intenção nos olhos vermelhos focados nela. Cachos de condensação subiram pelo ar e sua boca se abriu. Entre seus lábios, ela quase podia ver, talvez apenas imaginou, os caninos alongados. A pele tatuada refletia o sol minguante e músculos inchados e ondulados quando ele deu um passo adiante.

Atordoada, Ava ficou congelada no lugar momentaneamente. Apenas o movimento de sua longa cauda chicoteando, balançando na frente de seu corpo e sua mente parou.

Tem que sair daqui. Tem que correr. Agora. Tem que correr. Agora!

Sua mente pode ter virado as palavras de novo e de novo, mas as pernas se recusaram a obedecer. De olhos arregalados, olhou para o seu hipnotizante brilho, enquanto o demônio cautelosamente se aproximava.

Pense. Oh, pelo amor de Deus. Pense! Coloque todo seu treinamento para algum tipo de uso. Bom Senhor e Senhora, faça alguma *coisa!*

Um mal nenhum, faça o que quiserdes. A Rede[1] foi levada para casa com cada lição. Tanto como ela poderia lembrar-se, manteve as palavras como a sua condução motivadora. Mas agora, para se defender, o que era que deveria fazer? Ava amaldiçoou-se novamente por ser uma neófita.

Lançou uma respiração seca e gritando contra ela, por instinto fechou os olhos. Tinha que se concentrar...concentrar.

Mesmo se ela corresse, o demônio tinha a capacidade de se mover mais rápido do que ela poderia. Era isso. Correr ou morrer. Ele não deveria estar aqui, não em seu reino, mas o fato de que ele estava lá, maior do que a vida não poderia ser bom. Não para ela.

Ava inalou e exalou. Desacelerando seu ritmo cardíaco.

Acalmou os nervos.

Quando abriu os olhos, a primeira coisa que encheu a sua visão foi o seu rosnado. Os caninos que pensou apenas ter imaginado brilharam. Ele tinha chegado perigosamente perto.

Por que não a atacou ainda?

O pensamento mal se formou quando se lançou.

Todo o esforço consciente para se proteger fugiu quando os instintos e sua formação correram de volta para seus sentidos. Ela levantou os braços, preparando-se. Intuição assumiu e palavras que não conhecia, chegaram até ela.

As palavras certas faladas e *voila,* o demônio seria uma criatura crocante. Um feitiço escolhido produziria uma bola de fogo de energia, diretamente em seus dedos. Ela prendeu a respiração em antecipação quando apontou as mãos em sua direção.

Nada aconteceu.

Figuras. Apenas estranhas figuras.

Seu grito assustado cortou os sons sinuosos quando a mão do demônio se envolveu em torno de sua garganta. Seu rosto pairava tão perto dela, que podia sentir o cheiro de enxofre que o envolvia, como as nuvens do lixo derramado, poderia ter sido um mar de

---

[1] Aqui a autora se refere a web, net e outros tipos de comunicação.

rosas, comparado com o que flutuava em seu nariz agora. Seu estômago contraiu novamente, mesmo quando a escuridão derramou dos cantos de sua visão.

Não podia morrer assim. Tinha que fazer alguma coisa.

Ava estalou os dedos mais duas vezes, sentiu a faísca de energia inutilmente a partir deles. Doeu quando tentou respirar.

Seus pulmões gritavam por ar, mas nenhum deles estaria vindo de sua garganta presa.

Seus dedos tremiam incontrolavelmente. Feitiços e palavras longas fugiram. Suas pálpebras fechadas flutuavam quando sua luta flexibilizava.

Um movimento atrás do demônio lhe chamou a atenção.

Queria olhar o ponto, para ver o que estava lá. Nenhuma parte de seu corpo iria atender suas ordens.

O aperto na garganta arrancado abruptamente e ela solta caiu de joelhos. Inalou com respirações irregulares, grata pelo ar que engoliu em seco.

Ava apertou as mãos sobre suas orelhas quando o demônio gritou. Ela não se virou para ver o que aconteceu, mas sabia que tinha de se levantar. Alguma coisa tinha lhe dado alguns segundos do seu precioso tempo e tinha que fugir. Voltar para a segurança da casa. Para a segurança do coven.

Caiu em suas mãos e meio se arrastando para a porta. Atrás dela, o demônio gritou novamente antes do som cortar sem aviso prévio.

Um gemido escapou queimando de sua garganta. Seja quem for atacando o demônio poderia vir depois por ela. Quase certamente viria depois por ela. Estava se movendo muito lentamente. Tinha de chegar dentro.

“Princesa.”

Um par de botas veio em sua visão e cortou seu caminho de fuga. Longas pernas dobradas envoltas em jeans desbotado preto se agacharam ao lado dela. Através dos olhos borrados, ela traçou sobre a dobra da camisa aberta no peito, revelando um conjunto rígido de peitorais. Uma mão estendida e ela choramingou novamente.

“Princesa.”

A palavra registrada neste momento. Ele sabia quem ela era. "Ahn?"

Não necessariamente quem ela era, mas certamente *o que* ela era. Um bom sinal. Havia algo familiar sobre ele, também.

Talvez ela o tivesse visto antes. Não conseguia colocar um dedo sobre ele.

Aquela voz. Rica e profunda. Quase como se tivesse praticado alcançar as profundezas do seu ventre, para dar à luz ao som.

Grave e rouca. Um pouco gutural.

Sensual.

Ela teria rido se ousasse testar a queima em sua garganta. Se sua mente poderia ir ao longo daquelas linhas, deveria ter se sentindo mais segura. Instinto estúpido. Não podia ajudar quando temia por sua vida, mas certamente elevou sua cabeça para reconhecer quando ela estava com tesão.

Ava olhou, passando pela mão que ignorou e foi ao rosto do homem diante dela. Inalou bruscamente quando olhou para ele. Piscinas de meia-noite olhavam para ela.

Tesão que se dane, ela se mexeu mais longe dele, na direção oposta da porta. Para seu crédito, sua única reação foi de manobrar-se para que ele a enfrentasse mais uma vez. Não importava. Nada de bom poderia vir deste homem, cujos olhos eram tão pouco naturais. Em cima disso, uma tatuagem rastreava até o pescoço, para decorar sua mandíbula. As intrincadas linhas não escondiam as cicatrizes que atingiam o colarinho da camisa, de onde uma pedra verde pendurada em uma corrente de ouro, no entanto.

Longos cabelos negros enrolados na parte de trás do pescoço. Quase tudo sobre ele gritava ameaça, mas algo em sua expressão aliviou seu pânico.

Apesar do exterior muito áspero que proclamava seu comportamento de merda, sua voz suave combinava com uma amostra hesitante dos dentes brilhantes e brancos, acalmando-a. Em uma inspeção mais próxima, a frieza de seus olhos descongelados em um calor reconfortante. Por um breve momento, ela se perguntou como seria a sensação de uma onda contra ele.

Então, ele mudou de posição. Seu olhar passou por seu braço que tinha escondido atrás das costas. De onde estava sentada, ela poderia ver sangue no chão brilhante, numa poça redonda.

A despeito de si mesma, ela arrastou seu olhar de volta para seu rosto.

Ele tinha matado o demônio sem luvas? Isso era inédito.

Impossível.

"Quem...?" Ela esfregou o pescoço. Que ferida estranha. Ava pigarreou suavemente. Sua voz caiu para um sussurro.

"Quem é você?"

"Meu nome é Aaron Remington, Princesa." Seus olhos também pareciam amolecer quando falou com ela. Talvez *não naturais*, não fosse a palavra certa para descrevê-los. Eles eram... intensos.

Com a mão ensanguentada chegou em sua direção. Ela enrijeceu quando os dedos calejados roçaram-lhe a garganta. Eles apertaram contra a pele por um momento, fazendo com que ela ofegasse instantaneamente. Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas a palavra se perdeu, antes de falar. Seus olhos se estreitaram quando ele focou em algo atrás dela. Os dedos ásperos caíram e se afastaram.

Ela virou a cabeça antes que pudesse deter a si mesma. Isto poderia ter sido uma armadilha, para distraí-la por tudo que ela sabia. Quando a porta se abriu, suas suspeitas fugiram.

Com braços erguidos, sua Avó ficou parada na porta aberta, febrilmente murmurando palavras em voz baixa. Dina e Paul estavam apenas alguns passos atrás dela.

Ava girou de volta para enfrentar Aaron, que estava com uma graça que desmentia o seu tamanho. Puxou-se à sua altura máxima. Ele afastou-se dela, mas sem um traço de medo, enfrentou o trio de bruxos que vieram em seu auxílio.

Dina juntou-se ao cantar da Avó, enquanto Paul caiu ao lado Ava. "Você está bem?"

"Espere." disse ela. A dor aguda na garganta lembrou que não deveria estar falando mais que um sussurro. Antes que ela pudesse reagir, as mãos da Avó abriram para Aaron. Ele não piscou um olho quando a faísca azul de energia correu em direção dele. Ava clamou: "Espere!"

Ela se virou e viu a faísca cair na frente de Aaron.

Mais uma vez, ela testemunhou o controle que sua avó possuía sobre suas magias. Avó pisou passando por Ava e seu olhar traçou o rosto de Aaron, que em troca tinha deixado cair seu olhar... Voltou-se para Ava e os lábios apertados em uma linha fina. "Será que você o chamou?"

Ela sentiu Paul voltar atrás de surpresa. Isso fez com os dois deles.

Chamá-lo? Ela, que não poderia mesmo fazer uma planta da casa crescer inteiramente verde, magicamente convocou o homem de pé lá?

O peso do olhar de sua avó pesava.

Ela deixou cair o olhar e encolheu os ombros. Se o tivesse chamado, isto certamente não tinha sido de propósito. Mas se o chamou, oh graças a Deus que tinha conseguido.

"Um demônio veio atrás da princesa, minha senhora." O resmungo poderia ter sido chamado de sussurro para alguém. Aaron mantinha seu olhar baixo.

Sua avó girou para trás. "Eu não falei com você, abominação!"

Pelo amor de Deus! *Abominação?* Não era um pouco severo? Ele só salvou sua vida. Ela nunca iria desrespeitar a avó, mas essa reação de uma mulher que raramente levantava a voz foi um pouco demais. "Avó, ele simplesmente me salvou. Não é um pouco, hum, desnecessário?"

Dina se agachou na frente de Ava com um sorriso nos lábios. Seus olhos azuis claro ecoaram a frieza de seu sorriso. Não havia humor. Apenas a zombaria sempre presente que definida a sua relação. "Você realmente não sabe, Ava?"

Ela forçou o olhar para longe da curva de seu lábio superior e olhou para sua avó. "Avó?"

"Ele é uma abominação. Lobisomem."

Capítulo Dois

Ava levantou com as pernas trêmulas. Afastou o cabelo que caia sobre seu rosto, enquanto digeria as palavras.

Lobisomem.

Suspirou internamente. É claro que ele era um lobisomem.

Ela era uma bruxa. Atacada por um demônio. Salva por um lobisomem.

Por que não? Apenas mais um dia na cidade.

"Mande-o de volta, Ava." disse Dina. Ela acenou com a mão de uma maneira desdenhosa, conforme se levantava e voltava para a porta.

Eles realmente se mantinham esquecendo do que eles estavam falando. Ela não sabia como se proteger de um ataque. Muito menos, convocar um homem. *Muito,* muito menos mandá-lo de volta.

"Ainda não, princesa. Por favor." Ela olhou para ele, depois que interrompeu seus pensamentos. "Meu tipo tem protegido bruxas por séculos. Eu posso ser útil para você."

"Você continua se esquecendo." Avó respondeu.

"Seu perdão, Alta Sacerdotisa".

Mesmo que as palavras fossem um pedido de desculpas, o olhar intenso abrigou algo em Ava. Seu pulso acelerou com cada segundo que passava. Lobisomem ou qualquer outra coisa, sua barriga apertava na sua presença.

Ela tinha que anular esta luxúria e pensar racionalmente. Lá havia um monte de perguntas sem respostas rolando em sua mente.

Por que o demônio a atacou? Por que ele atacou fisicamente em vez de com magia? Como ela conseguiu convocar um lobisomem e, mais importante, como estava indo para enviá-lo de volta?

Com base na forma com que seu corpo respondia a ele, ela realmente queria enviá-lo de volta?

"Ele tem um ponto, Avó." disse ela com alguma hesitação.

Dina enrigeceu novamente era uma pequena medida de recompensa.

Qualquer coisa que conseguisse deste bode tinha que ser boa. "Ele me salvou de um demônio."

Paul passou por ela. O cascalho mastigado sob seus sapatos enquanto caminhava para, presumivelmente, onde o corpo do demônio caiu. Ela voltou a tempo de vê-lo em reverência a sua avó. Paul, um poderoso bruxo em seu próprio direito e com a sua maneira calma, cantou sobre o demônio. O corpo pulou e, em seguida, começou a bruxulear. Não haveria nada remanescente, uma vez que o feitiço trabalhou em conclusão.

Voltou-se quando sentiu o calor de outra pessoa diretamente na frente dela. Sua avó estreitou os olhos e disse: "Como você conseguiu chamá-lo?"

Ava balançou a cabeça. "Eu realmente não sei. Um minuto eu estava prestes a beijar minha bunda, e no próximo, ele estava ali."

"Humm." Por um minuto, pensou que sua Avó não diria mais nada. A mulher mais velha foi até a casa. Dina foi rápida em segui-la. Os passos de Paul se aproximaram por trás.

Antes que ela entrasse, a Avó gritou: "Ele é sua responsabilidade por agora."

Sua Avó, em seguida, girou e seu olhar travou em Aaron. "E ela é sua."



Seu pescoço formigava.

Isso não ia dar certo se não fizesse algumas alterações. "Você vai apenas me olhar o tempo todo ou o quê?"

"Princesa?"

Ela empurrou a caneta e papel dentro do seu Livro das Sombras, fechou, e se inclinou de volta contra a cadeira na mesa. Eles estavam sentados em seu quarto, por apenas mais de uma hora. Ela deveria estar lendo e memorizando, enquanto bebia um chá de mel, para acalmar a garganta.

Hum. Não tinha idéia do que ele deveria estar fazendo, além de parecer tentador.

"Olha, meu nome é Ava. Ninguém realmente se importa, se eu sou uma princesa ou o que quer que seja. Apenas me chame de Ava, ok?"

"Ava."

Nunca em sua vida alguém fez essas duas sílabas soarem da maneira que ele disse. Era como se estivesse com fome e cada letra era uma refeição completa. Se ele pudesse fazer isso com três letras, não podia imaginar que poderia fazer, se ela lhe pedisse para chamá-la por seu nome completo, Avalon.

Lambeu os lábios e empurrou para longe o pensamento. Nunca imaginou que faria sua calcinha úmida. Ele era para ser seu guarda-costas. Nada mais.

Mas, Deusa, ela o deixaria guardar seu corpo em qualquer dia da semana que quisesse.

Porra, como é que esses pensamentos entravam sorrateiramente assim?

Então, novamente, respondendo sua pergunta não estava funcionando. Nem um grama de gordura ousou se mostrar em seu corpo longo.

Cada vez que ele se mexia era como assistir mercúrio. Líquido, flexível, e um pouco perigoso.

Seus dedos se contraíram com vontade de tocá-lo, mas pensando muito sobre isso os segurou distantes. Se ele continuasse a observá-la assim, porém, não poderia se responsabilizar por suas ações. Nenhuma mulher com um pulso podia.

"Não consigo me concentrar quando você se mantém olhando para mim assim." Disse ela após um momento. Essa era a verdade. Sua mente se mantinha à deriva desses recursos visuais incríveis a envolvendo: quente, suado... “Eu...E eu preciso aprender essas magias."

"Eu não quis distraí-la, Ava..."

Seus olhos se estreitaram em sua pausa.

"E o quê?" Parecia que ele tinha algo mais a dizer.

Aaron sacudiu a cabeça, mas ela não seria dissuadida. Ele não queria dizer a outra coisa. Ela podia ver em seus olhos.

"O quê?"

"Eu estou atraído por você. Desde a primeira vez que te vi." *Céu, doce santo no alto.* Agora *isso* era algo que ela não esperava. "É por isso que continuo olhando para você. Me desculpe se interrompi sua concentração. Vou fazer melhor, em manter os meus pensamentos." completou.

Como essa pequena confissão interrompeu sua concentração permanentemente. Ela limpou a garganta.

"Oh, *isso.*" disse ela, como se os homens anunciassem sua atração por ela, numa base horária. Tudo tranquilo.

Ele se virou para examinar os livros em sua prateleira, mas ela não retornou com o livro na frente dela. Todos os planos para memorizar os feitiços de hoje haviam deixado sua mente. Em vez disso, ela visualmente traçou a tatuagem em seu pescoço. Seguindo a curva para seu pomo de Adão. Quando cortados, ela teve que abafar um gemido.

Olhe para outro lugar. Boa idéia. Era um... oh, homem. A covinha no queixo. Quando ela tinha perdido de ver a fissura?

"Agora você é a única olhar, Ava". Ele riu e voltou-se para encará-la.

"Certo. Desculpe." Ela desviou o olhar rapidamente, em seguida, chamou seu olhar. Inferno. "O que vamos fazer sobre isso?"

"Sobre o que?"

Ela deixou cair o olhar. "Sabe o que mais? Eu tenho um sentimento grande que não vai aprovar, se eu ceder aos meus desejos mais básicos."

Ele franziu a testa, depois assentiu. "Não seria a primeira vez de uma bruxa e um lobisomem. Não é necessariamente encarado gentilmente, mas nem sempre denegri também."

Não era como se ela fosse correr a Avó com a notícia. Ninguém teria que saber. Apenas uma brincadeira rápida no feno. Ambos, estariam melhor. Tirá-lo do caminho. Depois de volta aos negócios de sempre.

Ela bufou.

Tudo o que tinha era dizer a si mesma.

"Deixar fora algum vapor, certo?" ela perguntou.

Aaron levantou-se.

"Então, de volta à relação empregador/empregado depois, certo?" ela continuou.

Ele agarrou os pulsos e puxou-a para ficar ao lado dele.

Ele trouxe sua cabeça para baixo, perto da dela. Resmungou. "Justamente, deixando fora algum vapor."

Quando os lábios foram contra os dela, o mundo de Ava girou.

Aaron tinha gosto de terra. Imagens de planícies e a fria brisa perambulavam em sua mente quando se derreteu contra ele.

Sua língua deslizou tocando a dela e a imagem do puro sol a bombardeou.

Ele passou os braços em volta dela por trás, puxou-a firmemente contra ele e foi exatamente como ela suspeitava. Nada, mas nas linhas duras de proa e popa.

Ela arrastou seus dedos sobre o peito, então ao abdômen. Puxou-o longe de sua boca o suficiente tempo para encontrar a fivela de seu cinto. Frustrada, ela se atrapalhou um pouco em seus esforços para libertá-lo de suas roupas.

Aaron agarrou o queixo e inclinou a cabeça para ele.

"O verde de seus olhos, eu nunca tinha presenciado antes. Estou perdido neles, Ava."

Sua respiração prendeu na garganta com suas palavras. Na profundidade da emoção em si. Ela olhou em seus olhos obsidiana por um momento, antes que ele mergulhasse para outro beijo inebriante. Os dedos dela esqueceram sua missão, quando ele reivindicou sua boca com a dele.

Seus mamilos estavam duros como picos que pastavam contra ele.

A dor neles rivalizava entre as coxas dela, um tanto latejantes por sua atenção. Ela lançou um som suave, enquanto seu coração acelerava e Aaron respondeu a chamada.

Ele se afastou com um gemido. Seus lábios estavam inchados e seu peito arfava com o esforço de pegar sua respiração. Ava apertou forte sua camisa, puxou-a pela cabeça e a jogou contra a parede onde deslizou para o chão.

A mão de Aaron deslizou na lacuna de sua camisa, enquanto os botões estouraram sob a força de seus dedos. Ela seguiu a rede de cicatrizes no peito e lançou um estremecimento.

Respire. Se havia alguma coisa, as linhas cinzeladas cruzando o 'pacote de seis' a perfeição de seu abdômen, enviou uma nova onda de excitação, por meio dela.

Ela recuou, mantendo seu olhar treinado sobre ele, enquanto caminhava para sua cama. Um braço e depois o outro deslizou para debaixo das tiras do sutiã. Ela o abriu nas costas, os seios descobertos livremente diante dele.

Ele deu um passo na direção dela, retirando seu cinto enquanto caminhava.

Quando os seios entraram em plena vista, ele parou de se mover para inalar fortemente.

Ele olhou para ela com uma expressão atordoada no rosto e Ava se contorceu para fora de sua calça. Aaron gemeu quando ela retirou a calcinha e deitou na cama. Ela correu os dedos sobre os seios conforme descartava sua roupa, seu corpo em chamas e esperando por ele. Ele baixou as calças.

Oh, céus!

Ele era adorável. E duro. E pronto para ela.

Ela tinha isso, dentro da fome que queimava profundo do que ela precisava dele para se satisfazer. Pensamento racional voou para longe, enquanto a necessidade reforçava seu domínio sobre ela. Ela precisava dele dentro dela. Doia por ele.

Aaron se ajoelhou ao lado dela e roçou a boca sobre seu peito. Um gemido de frustração derreteu em um suspiro de prazer, quando sua língua lavou um mamilo. Ele arrastou beijos molhados na outra mama e para baixo de sua barriga.

Ela separou as coxas em antecipação a ele, o inebriante cheiro de seu desejo perfumando o ar. Ele se afastou e sentou-se de volta sobre seus calcanhares. Seu silêncio repentino enviou um apressado tremor de constrangimento em seu coração trovejando. Ela começou a fechar suas pernas, incerta do que tinha acabado de transpirar.

"Não!" Aaron colocou a mão em sua coxa e se mudou para sua posição anterior. Ele engoliu em seco quando olhou para baixo dela. Sua atenção concentrada sobre seu sexo, ele traçou suas dobras delicadas. "Tão macia."

Seu toque a levou para a beira da necessidade insana. Um longo golpe após o outro. Não só o golpe tocou o núcleo, para arrefecer o fogo que queimava lá. Quando seu dedo a

penetrou, gananciosos com a necessidade, o corpo dela agarrou-o. Ele empurrou outro dedo quando o peito apertou arfando com o aumento apaixonado. Os dois dígitos se retiraram por um momento, apenas para empurrar de volta para dentro!

Ele gemeu. "Apertada. Molhada para mim, bonita Ava, eu preciso ter um gosto de você."

Ela choramingou quando ele se afastou. Seus dedos não trouxeram o que ela precisava. Ela queria mais. Muito mais.

Ele capturou seu olhar brevemente, antes de colocar sua boca sobre sua umidade.

Ava apertou suas coxas em torno de sua cabeça e gritou quando ficou rígida com um orgasmo súbito. Aaron espalmou a mão contra o seu abdômen e segurou-a para baixo, forçando-a ao prazer de seus lábios e língua. Seu corpo veio vivo abaixo dele. Ela estremeceu e gemeu. Chamando-o enquanto ele trabalhava vorazmente por todo o corpo. Ele segurou-a no lugar quando um outro e depois outro clímax ultrapassou nela.

Até o momento que ele se arrastou sobre ela, seus membros estavam quase pesados demais para se mover. Ela não tinha noção de quanto tempo tinha se passado. Quanto tempo ela estremeceu por suas manipulações.

Sob os olhos entrecerrados, ela olhava para ele entendendo como seu pênis se guiaria para seu calor à espera. Ava só podia gemer quando ele se empurrou para frente, estendendo-se até que ela estava cheia.

Gananciosa por ele, tomou seu rosto nas mãos e puxou o dele para ela. Ela queria provar seus lábios novamente. Sentir sua língua magnífica em sua boca. O sabor picante de si mesma sobre ele, dirigiu outra onda de desejo por ela e deu-se a ele nesse beijo. Sentiu uma onda de emoção se derramar para ele.

Ele a devorou toda, mas sua boca assim como suas estocadas pegaram velocidade. As pernas dela enrolaram na cintura e suas mãos apertaram sobre seus ombros. Ela mergulhou a língua em sua boca e exortou-o. Ele bebeu em seus gemidos. O único som que escapava no ar era o de suas respirações ofegantes.

Ela estremeceu e sacudiu com ele. Puxou para dentro e agarrou-o com sua necessidade.

Nunca antes foi tomada como isto. Não importando o quanto ela tomava dele, porém, seu corpo ansiava por mais.

Outro tremor a superou e Aaron tremeu com ela, se empurrando nela novamente e apertou-se ao redor dele.

Sentiu cada cume e chocou-se. Ele aumentou seu ritmo e seus gritos de prazer escaparam.

"Oh Deus, Ava." Ele se afastou para sussurrar o seu nome mais e mais. A palavra nunca soou tão sensual.

Sua cabeça caiu ao lado dela e rajadas quentes de respiração fizeram cócegas. O pulso na base do pescoço pulsava incessantemente. Então, quando ela estava à beira de um precipício, o sentiu inchar dentro dela. O primeiro jato de seu sêmen a levou ao longo de sua borda.

Ela subiu para o céu com cada pulsação de seu pênis, gritando cada vez que sentiu o derramamento da essência quente dentro dela.

Até o momento que ela flutuou de volta e para baixo em sua cama, seu suor deslizava pelos corpos que mal se moviam. Somente o movimento do peito fornecia evidências de que eles haviam sobrevivido ao clímax mútuo.

Aaron a beijou suavemente duas vezes.

Ela olhou para a intensidade de seus olhos e perguntou pela primeira vez, e talvez um pouco tardiamente, se a atração entre eles poderia ter sido o resultado de um feitiço. Este sentimento veio muito rapidamente. Era algo muito instantâneo.

Algo, talvez, não natural.

Capítulo Três

Ava virou as costas para ele enquanto colocava seu sutiã descartado. Um rápido olhar sobre o ombro revelou que ele puxava suas calças com timidez. O que aconteceu nos últimos dois minutos? O que pensou, a queima de necessidade por ele parecia ter apenas diminuído.

Ela balançou a cabeça.

Em uma casa cheia de bruxas, não era impossível que tivesse sido objeto de feitiço mal intencionado de alguém. Apesar de não haver lágrimas *mal intencionadas* poderia ter uma palavra muito forte. Ela certamente desfrutou de cada segundo da última meia hora.

Mas por que de repente fez que nenhum deles, sequer olhasse o outro nos olhos? Por que eles estavam se vestindo, como para esconder o produto que só há poucos minutos tinham estado orgulhosamente exibindo? Não fazia sentido.

"Nós não discutimos o demônio ainda." disse Aaron. Seu tom baixo sacudiu seus pensamentos. "Se eles estão vindo por você, é algo que nós não devemos ignorar."

Sim. Não ignore os demônios. Ignorar a Avó e, o elefante cor de rosa em pé no meio da sala agora, mas Deus me perdoe, não ignore os demônios.

Ela puxou sua camisa no lugar. "Nós provavelmente devemos falar com a Avó. Talvez até mesmo chamar o resto do coven, se é isso o que ela quer."

Quando ela se virou, ele estava enfiando sua camisa em suas calças. Um botão solitário tinha conseguido sobreviver ao seu assalto anterior, mas pendurava frouxo agora. Ela sorriu, o movimento um lembrete instantâneo de seus lábios inchados. Ela ignorou a dor e abriu um largo sorriso. "Um olhar para nós dois e ninguém vai saber o que temos feito, hein?"

A diversão em seus olhos, mas não alcançou a sua boca. "Não é que a casa da Avó tenha paredes finas, Princesa. Eles provavelmente já sabem."

A gravidade de suas palavras fez seu estômago afundar como uma pedra. Ela tinha acabado de ter sexo na casa de sua avó.

Tecnicamente *a* casa de *sua* avó que morava, mas ainda assim.

No final do dia, sua avó deve te-la ouvido tendo relações sexuais. Como tudo mais, alguns minutos atrás, parecia inconsequente.

Ava gemeu quando o calor correu sobre o rosto e abaixo de seu pescoço. Ela gemeu de novo. "Eu não posso encará-la agora. Eu só fiz sexo com um lobisomem." E a Avó o *tinha chamado de abominação.*

Outro pensamento golpeou. "Você parece saber mais sobre isso do que eu. Você sabe que eu sou uma princesa - vamos começar com isso depois - é isso que importa? Você e eu?"

"Depende do que você fala. Se eu tivesse pensado que seria resultado de algum tipo de consequência para você, tenho suficiente autocontrole, para ter parado de tomar você."

Suas palavras foram cortadas, as sobrancelhas franzidas.

Seus lábios apertados. Tomá-la? Que diabos queria dizer? E o que implicava, que ela não tinha autocontrole suficiente para impedi-los de fazer a ação?

Ela gemeu internamente. Esqueça. Ele poderia soar irritado, se ele quisesse. Ele iria acabar com ela. E para o inferno, se ele não o fizesse. Se eles estavam sob a influência de um feitiço, a intimidade que compartilharam tinha sido artificial. Nenhum jeito a ser repetido de qualquer maneira.

Não havia nenhum traço de sua ternura anterior, quando ela mudou de assunto. "Por que você acha que eles iriam se preocupar comigo? Eu sou uma bruxa iniciante. Meu título realmente não significa nada, até que eu tenha dominado a maior parte dos feitiços. Mesmo assim, eu realmente não começaria qualquer coisa até que tenha assumido a liderança da Avó."

"Faz mais sentido vir atrás de você agora, enquanto não tem uma maneira de se proteger. É inteligente."

Ava subiu as escadas, enquanto eles conversavam em voz baixa.

"Mas o demônio não usou magia. Se ele tivesse, não acho que eu teria uma chance contra ele. Mesmo chamando você, foi um acidente por completo."

O músculo ao lado de sua tatuagem trabalhou arduamente, como se ele refletisse sobre isso. Ele parecia desconfortável por um momento, mas passou tão depressa, ela se

perguntava se imaginou. Depois de passar uns minutos, Aaron sacudiu a cabeça. "Eu não tenho todas as respostas. Pode haver qualquer número de razões para ter acontecido hoje."

Que poderia ter sido uma referência ao demônio ou ao sexo. Nenhuma maneira de dizer. Ela teria que resolver isso mais tarde. Se ele valesse a classificação. Sua hesitação deixou dúvidas.

A Avó olhou para cima do correio disperso sobre a mesa quando eles se aproximaram. Nos olhos dela, Ava viu uma mistura de raiva e ressentimento. Talvez com uma pitada de decepção adicionada em boa medida. Seria um mês de domingos, antes que ela trabalhasse fora da culpa que sentia naquele momento, que estava ao lado de Aaron.

"Avó?" A palavra saiu como um guincho. Limpou a garganta e tentou novamente. "Avó, precisamos conversar sobre os demônios."

Ela apontou para uma cadeira. "Sente-se, Ava."

Ava estremeceu, quando ela, obviamente, não estendeu o convite de sentar-se para Aaron. De jeito nenhum ela teria chance de olhar para ele, para ver se tinha ido embora. Como uma criança arrependida, afastou a cadeira e sentou-se como indicado.

"Devo dizer que estou impressionada como você lidou hoje, Ava." disse ela depois de tomar uma respiração profunda.

"Não há muitas pessoas em seu nível que poderiam ter convocado um lobisomem para proteção. Isso me mostra que você tem alguns instintos poderosos."

Instintos estúpidos eram inúteis quando ela precisava deles para serem úteis.

"Mas a sua proteção é um negócio do coven. Nós não trazemos..." ela apontou com o queixo para Aaron. "... uma espécie em nossas brigas, mais nada. Mesmo se um demônio está envolvido."

Espere um minuto. Como eles vão discutir os demônios, se iam discutir os lobisomens? Que, a propósito, ela não sabia realmente a existência até a poucas horas.

Ava balançou a cabeça. "Avó..."

"Não senhora, não me interrompa, jovem." Ela fez uma pausa, tomou uma profunda respiração. "Agora que ele serviu ao seu propósito, de qualquer forma mais do que um, eu poderia acrescentar. É hora de mandá-lo de volta."

As bochechas de Ava coraram com calor novamente. Estúpidas paredes finas.

O que foi feito... foi feito, porém. Não há tempo para refletir sobre esta parte dela. Talvez a Avó estivesse certa. Ou Aaron estava certo?

Ele ficou ali sem dizer uma palavra em sua própria defesa. Talvez, ele realmente quisesse ir embora. Seu coração puxou, um lembrete do seu toque nela. As emoções, o sentimento que tinham compartilhado, estavam vivos. Quase vivo. Ela tinha que saber se eles eram o resultado de um feitiço. Tinha que saber se poderia haver um traço de verdade lá. Uma dica do que poderia ser.

Ela falou em voz baixa. "Avó. E sobre os demônios? Se estão atrás de mim, talvez eu precise de sua ajuda?"

Seu rosto ficou rígido e desprovido de emoção. A mulher idosa não sofreria pelos tolos de ânimos leves. Mesmo que a tola fosse sua neta. "E o que faz você pensar que os demônios estão atrás de você, criança?"

Outra onda de cor se espalhou abaixo do pescoço de Ava. Doce céu, ela não sabia se os demônios estavam atrás dela. Claro que não. Aquele demônio solitário poderia ter estado apenas no lugar certo, no momento certo. Encurralado porque ela estava lá.

Nada mais complicado do que isso.

Ela olhou para Aaron que ainda nada contribuiu para a conversa. Como sua avó, seu rosto estava impassível, difícil de ler.

"Eu..." Ela não sabia o que ia dizer. Nunca desobedeceu a sua Avó antes. Sempre a atendeu. Inferno, a mulher raramente estava errada. A brincadeira no feno havia sido boa. Colocando-o fora de seu sistema. Se ele não deveria estar aqui, que aparentemente ele não estava, a Avó sempre poderia ajudá-la a enviar de volta, de onde quer que ela acidentalmente chamou-o.

De repente, Aaron chamou sua atenção, todo o seu corpo enrigeceu. Ele se virou para a porta, em seguida, olhou para Ava.

Ecoando o baque de algo pesado, uma vez que atingiu o terreno e reverberou ao redor da sala. Todos olharam em direção ao teto que os regou com uma nuvem fina de detritos. Com a surpreendente agilidade de um atleta, a Avó se empurrou em volta da mesa e saiu

correndo da sala, se dirigindo para as escadas. Ava decolou depois dela, apenas para ser puxada por Aaron, enquanto tentava passar por ele.

"Atrás de mim, Princesa."

"A minha avó! Precisamos ajudá-la!"

Ele fez uma careta para ela. "Meu dever é só com você."

Ela gritou quando um outro baque cresceu pela casa.

"Por favor, Aaron. Minha prima, Dina, e seu amigo, Paul, estão provavelmente ainda aqui, também. Se há algo errado, eu preciso de você para ajudar a minha família, por favor!"

Seu olhar correu para as escadas com o rosto escurecido. Ele sacudiu a cabeça como se lutasse com indecisão. Depois do que parecia uma eternidade, ele resmungou para ela, "Fique atrás de mim."

Que não foi um desafio da Avó. Aaron a levou pela escada subindo três degraus de cada vez. Pelo tempo que ela chegou ao degrau mais alto, teve apenas um vislumbre de como ele virou a esquina. Ela correu para ele, o medo agarrando sua garganta.

O próximo som que chegou aos seus ouvidos era baixo, o rosnando de um lobo. Seu coração batia de compreensão.

Aaron.

Ela derrapou até parar ao lado de sua pilha de roupas descartadas.

À sua frente, a Avó trabalhava com suas mãos no ar, agitando-as ferozmente para um demônio de cauda longa e que bloqueava Dina e Paul em um canto. Espirais de energia branca assobiavam no ar quando ela se lançou contra seu corpo tenso.

Outro demônio gritou abaixo de Aaron, quando ele rasgou sua garganta nua. Tão rapidamente como tinha começado, o grito silenciou em gorgolejo molhado. Logo depois, o mesmo murmúrio parou.

Hipnotizados pelo cheiro de carne queimada, a visão de sangue numa poça no chão e um lobo que perseguia sua vítima que tinha caído, Ava sentiu um arrepio.

Líquido vermelho viscoso pingava do focinho de Aaron, quando ele balançou a cabeça em sua direção. Quando ele começou a rosnar, ela congelou no lugar. Ele rastejou para frente, pêlo eriçado, um incêndio em seus olhos.

"Ava."

A Avó sussurrou, soando meio estrangulada. Ela não se atreveu a olhar para sua avó agora. Os poços pretos nos olhos de Aaron se estreitaram exigindo toda a sua atenção. Uma onda de medo e náusea a reivindicou, quando mordeu de volta o grito que ameaçava sair. Talvez ele não a reconhecesse quando em forma de lobo, mas ela iria se defender contra ele, se tivesse que vencer. Sabia que sua Avó iria achar certo.

Ela engoliu um gosto amargo de bílis e por acaso deu um olhar para a mulher mais velha, que não estava olhando para ela.

Ei!!

Ava seguiu o brilho focado em Aaron e reconheceu outra coisa.

O fato de que nem o lobo, nem sua avó olhavam diretamente para ela, mas na verdade por trás dela, não podia ser bom.

Então, não é bom em tudo.

Antes que ela pudesse se virar, para ver o que eles viam, o cabelo na parte de trás do pescoço arrepiou, enquanto percorriam seus braços. Da periferia de sua visão, algo suave e da cor de carvão se moveu. Ao mesmo tempo, a longa cauda de um demônio bateu dentro e fora de sua linha de visão limitada.

Por todas as vezes que ela nunca gritou como um personagem de TV, que falhava quando confrontado com um monstro, suas mais sinceras desculpas. Nada menos que um milagre poderia levá-la enraizada por seus pés, a se mover neste momento.

Isso não era bom.

Respire, Ava. As palavras estão lá. Simplesmente fale. Invoque os sentimentos. É à base de todas as sessões de treinamento que suportou durante os últimos três anos.

O chiado envolveu ambas as mãos, quando fechou os olhos.

Ele viajou até ambos os braços, colidiu em seu esterno. De lá ele estendeu para a mão, derramando em suas pernas e subindo para o ápice de sua cabeça.

Agora, *isto* parecia mágica.

As sobrancelhas franzidas juntas. Espere. Isto não era ela, oh, Deusa!

A escuridão a cobriu como um cobertor.



“Princesa você está bem?"

Que linda e rouca, voz grave. Impossível de duplicar.

Tão perto de seu ouvido. Hálito quente acariciou sua bochecha. Adorável.

Ela fugiu, lutou longe de armas pesadas que se acondicionava em torno dela.

Puta merda. O que tinha acontecido?

A última coisa que recordava era o sentimento caloroso, como depois de beber uma caneca de cidra quente em um frio do inverno. Em queda livre alta e combinando com o conforto familiar.

Tudo isso logo depois que ela descobriu o demônio em pé atrás dela.

"Calma, princesa." disse Aaron.

Ele a puxou de volta para o seu abraço e ela se aconchegou contra ele. Roubando um pequeno pedaço do céu contra a sua pele nua. Seu aroma de terra enviou um arrepio na espinha. Isso se sentia tão bem, ao estar tão perto dele novamente. Como antes. Ela poderia quase chegar e puxar seu rosto para baixo. Forçar distante o embaraço da manhã anterior e redescobrir o abrasador calor que tinha uma vez compartilhado.

Ela faria isso agora. Agora, antes que o resto da sala focasse.

Tarde demais.

O rosto de sua Avó, tão cheio de preocupação, pairou em sua vista, quase tanto quanto Aaron estava por ela. Ava empurrou seus braços, embora de novo se esforçou para uma posição sentada. Nada como ter sua avó assistindo ao homem, quase sentiu matar o humor por ser sua neta.

Com um estremecimento na mancha vermelha rastreando seu pescoço, ela esfregou os olhos. Não queria pensar muito sobre o que tinha feito. "O que aconteceu comigo?"

As pernas longas de Dina entraram no lugar ao lado dela, curvando-se sobre a Avó. Ela agachou-se e juntou-se à reunião informal. O estômago de Ava contraiu. Nada do que ela teria para contribuir poderia ser bom.

“Demônios. Mais de um deles.” Ela cortou seu olhar para Aaron. "Você tinha um punho ao seu lado da situação, até o lobisomem interromper. Quase a matou."

Ela não conseguia se lembrar muito sobre estar no quarto de Dina, qual tinha sido o motivo para ir lá em cima, em primeiro lugar. Ela se lembrava da Avó eliminando um demônio, assim como o lobo de Aaron fez, também. Mas isso foi tudo o que ela conseguia se lembrar. Por que não se lembrava de nada?

Um olhar na Avó e a todos foi à confirmação do que ela precisava. Dina, pela primeira vez na sua miserável vida, estava dizendo algo que não podia acreditar. Não queria acreditar. Ela olhou para Aaron. "Isso é verdade?"

Ele poderia ter enterrado a raiva em seus olhos, mesmo quando seu rosto permaneceu impassível. Aqueles olhos, no entanto. Seus intensos olhos não escondiam nada. "Qual parte?"

Ela não conseguia pensar. Não com todo mundo pegando no seu pescoço assim. A questão respondida com uma pergunta a deixou mais confusa do que antes. Por que ela não se lembrava?

Ava passou a mão na base do pescoço, onde a dor chata começou a retumbar.

"Eu tenho que pensar." Ela suspirou. Será que ela queria acreditar que Aaron fosse incapaz de machucá-la, por causa de sua mútua atração? Deusa, ela queria acreditar, mas ele mais uma vez não disse nada em sua própria defesa. Ela tinha que falar com ele. Descobrir o que estava acontecendo em sua mente. Esta parte seguinte seria difícil, mas era algo que tinha de ser feito. "Nós provavelmente devemos conversar, Aaron."

A Avó estabeleceu uma mão quente sobre a mão dela e apertou.

"Instinto, Ava. Nunca falha."

Tão facilmente quanto disse. Nada em suas aulas jamais mencionou o que fazer quando uma bruxa acidentalmente conjurava um lobisomem, ter uma coisa com ele e depois

descobrir que poderia realmente estar tentando lhe matar. Oh, sim. Não se esqueça da parte sobre o desejo de obter a coisa com ele uma segunda vez, apesar de tudo.

Os lábios de Dina se enrolaram em desgosto. Sem um segundo para olhar atrás, ela saiu da sala, enquanto Paul se lançava atrás dela.

A Avó abriu a boca como se quisesse dizer algo mais, então a fechou novamente. Ela balançou os dedos em direção ao tumulto na sala, murmurou algumas palavras. Uma fumaça assobiou para o ar e espalhou os demônios que gradualmente se evaporaram.

"Tudo se dissolverá em cerca de uma hora ou mais." ela murmurou quase em voz baixa. Levantou-se, mas não antes de dar tapinhas em Ava, mais uma vez no ombro. Dentro de instantes, Ava ficou sozinha na sala com o homem que disse que estava lá para protegê-la.

"Estou confusa." ela começou devagar. "Este cenário todo faz tão pouco sentido para mim, mesmo desde o início. Eu quero dizer, eu nem sabia que existiam lobisomens até hoje. E de alguma forma, consegui conjurar um quando precisei? Vamos lá. Isso não parece um pouco improvável para você?"

“Está com fome?”

Ela piscou duas vezes para ele. "O quê?"

"Eu perguntei se você está com fome."

Como se tivesse abordado a questão diretamente a ele, a barriga dela respondeu com um ruído grosseiro, alto o suficiente para os dois ouvirem! Sexo, então o alimento. Sua mente não tinha absolutamente nada a dizer, quando chegou as suas prioridades. Absolutamente nada.

A mão de Ava voou até sua boca.

Oh, Senhor e Senhora. Ela tinha perdido o jantar com a Avó. Se a mulher tinha estado assinalada em quebrar essa regra cardinal, ela deve ter estado agitada, quando descobriu que sua neta ficou de fora, porque ela estava muito ocupada tendo orgasmos múltiplos. Embora, mesmo velha e tinham que admitir que foi uma razão bem danada para estar ausente.

Ela arrancou fora o pensamento e acenou com a cabeça. "Eu poderia definitivamente comer alguma coisa. Não percebi o quanto estou com fome, até você mencionar."

"Devemos comer." disse ele.

"Claro. Podemos conversar enquanto comemos. Encontre-me no meu quarto, enquanto eu exploro algo." Como se tivessem comido algum alimento, enquanto estavam lá em cima. Seu instinto de autopreservação era uma droga. Ela trocaria por sexo num piscar de olhos. Tanto tempo sem parceiros, talvez, não fosse a melhor tática na vida.

"Segure isso. Podemos simplesmente pegar algo juntos na cozinha. Talvez você devesse se limpar primeiro. Sabe onde é o banheiro? Basta puxar para fora algumas toalhas ou o que você precisa do armário."

Ele deu um breve aceno de cabeça quando encolheu os ombros e se enfiou na camisa de algodão. Ela estava hipnotizada por sua masculinidade áspera.

Suas linhas robustas em contraste com o material macio que ele usava.

Aaron olhou para ela. Pegou o seu olhar devasso.

“Princesa.”

O calor em seus olhos refletia suas próprias emoções. Ele parecia olhar para ela, com tal apetite de necessidade, que ela quase se encolheu.

Ava endireitou as costas, levantou-se e se afastou. Enquanto saia da sala, ela chamou por cima do ombro. "Vou te ver em alguns minutos."

Quando ele se juntou a ela alguns minutos depois, terminava de empilhar os sanduíches em silêncio. Ele abriu a geladeira, pegou duas garrafas de água e colocou-as na mesa, após abrir as tampas. Com um tapa final do pão recheado com carne, Ava encolheu os ombros em sua refeição. Isto encheria um buraco, se nada mais.

Ela empurrou o prato para ele quando se sentou. Tomou uma mordida, mastigou após um minuto e depois engoliu. "Agora que estamos corrigindo o problema com a fome, vamos tratar de pegar nossa conversa de onde paramos?"

Aaron terminou a maioria de seu sanduíche, antes que ele a olhasse, não que ela tivesse tomado muito tempo. O homem comia como... bem, como ele tinha se posicionado entre as coxas. Vorazmente.

"Se a sua avó não tivesse dito que eu era um lobisomem, você teria sabido Ava?" ele perguntou.

Um arrepio percorreu sua espinha. Agora que ele tinha mencionado isso, não, ela não tinha nenhuma razão para pensar que alguma coisa estivesse fora do lugar com ele. Ele parecia tão normal como ela. Quando balançou a cabeça, ele foi a outra questão. "Por que você acha que a sua Avó passou, o conhecimento, de algo assim?"

Porque ela era a Avó. A Sacerdotisa do seu coven. A bruxa formidável cujos anos de prática da Arte, afinavam suas habilidades para uma ponta afiada.

Que não parecia ser a resposta certa. Ela encolheu os ombros novamente.

"E como você acha que eu sei que você é uma princesa?"

Tinha sido a pergunta de um milhão de dólares, a partir do momento que eles se conheceram. Ele a conhecia. Tinha que ter conhecido, pelo menos, a cercando. Ninguém fora do coven conhecia honorífico, ela assumiu.

A comida que ela tinha mastigado se sentia como um pedaço de plástico duro em sua garganta. Ela tentou engolir, mas não se moveu. Com a mão trêmula, chegou para a garrafa. Bebeu uma pequena quantidade de líquido apenas para acabar com a tosse seca.

Ele esperou até que ela se acalmasse.

"Nosso encontro não foi coincidência, Princesa. Lobisomens tomaram conta de você quase toda a sua vida. Eu pessoalmente, prometi protegê-la há alguns anos atrás... a pedido de seus pais."

Capítulo Quatro

Se ele tivesse apenas lhe dito que estava correndo ao redor da Avó totalmente nu, arrancando os cabelos raiz por raiz, enquanto ateava fogo pela casa e rindo com alegria maníaca, ela estaria menos surpresa, do que neste momento.

Seus pais? Quando foi a última vez que alguém os tinha mencionado a ela? A Avó raramente mencionava sua filha e o homem que ela tinha casado. Uma vez que não tinha deixado o coven para ser uma 'família normal', com Ava. Seu início atrasado em feitiços e todas as outras atividades mágicas começaram quando apenas a morte a levou em seu caminho de volta para o coven.

"Como você sabe dos meus pais?" ela perguntou em voz baixa.

Não acreditou nele. Não podia acreditar nele. Não importava o que disse, o que disse a ela, ele não tinha permissão para trazer seus pais nisso. Não poderia ter.

"Eu não fiz isso." Na verdade não. Seu olhar caiu para os restos de seu sanduíche, enquanto ele falava. "Eu os encontrei talvez um ano ou dois antes de suas mortes. Eles queriam proteção para sua filha em caso de... Eu não sei o quê. Por via das dúvidas..."

Ela pegou sua mão. Levou à dela. Esperou até que ele encontrasse seu olhar. "Quanto tempo?"

Os lábios de Aaron se apertaram quando uma expressão de dor atravessou seu rosto.

"Eu estive acompanhando você por três anos. Hoje depois... após o tempo em seu quarto, eu sei que cruzei uma linha. Fui enviado aqui para protegê-la. Não para fazer amor com você."

Então, esse foi o motivo de sua relutância anterior. Sua mão sentia a sua. Como se ele pudesse deslizar para fora, mesmo com o menor esforço. "Eu nunca vi você. Nem sequer senti você, como eu deveria saber."

Ele puxou a corrente de ouro debaixo de seu colarinho e segurou para ela. "Você não faria isso. Uma velha magia boa. Estamos amarrados, de modo que eu posso sentir você. Ajudá-la no momento para usar esta pedra. Não importa o quão distantes estamos fisicamente, estou preso a você emocionalmente." Seu olhar caiu de volta e para baixo. Um

rubor se espalhou por seu pescoço, virou as pontas de suas orelhas brilhantes. "Eu posso sentir quase toda emoção que você experimenta. Acho que se a sua avó tivesse feito o feitiço, teria sido mais específico. Mas seus pais, bem do jeito que funcionou, eu sabia sobre seus medos, bem como todo o resto."

Ava estreitou os olhos. Tudo o mais? O que fez...oh, Merda! Ela perguntou: "Os altos, assim como os baixos, hein?Como, vamos dizer, se eu estou me sentindo realmente bem? Realmente, realmente bem? Tremendo, tremendo, gritando *bem* o nome*? "*

Ele teve a decência de continuar a corar. "Tenho certeza que eles não esperavam que isso acontecesse dessa forma. Eles deixaram o coven, lembra-se? Eles não eram tão poderosos como a sua Avó é agora."

Ela supunha que não importasse realmente. O único nome que ela teve a oportunidade de gritar em um tempo muito longo foi o dele.

"Então, a Avó sabe quem você é e por que você está aqui. Por que será que ela me fez pensar que eu o chamei?"

Ele deu de ombros. "Ela pode não saber tudo. Talvez apenas reunindo algumas suspeitas. Tanto quanto a convocação, você *têm* essa habilidade. Ou pelo menos, o potencial. Eu não sei o quão longe suas habilidades se estendem. Hoje poderia ter sido uma combinação de ambos. Quem sabe?"

Sentaram-se em silêncio enquanto outro questionamento feriu Ava. "Se a Avó sabe, e quanto ao resto do coven? Alguém sabe, também, você acha?"

"Dina sabia." disse ele.

Ela balançou a cabeça. "Um dos seus dons é a comunicação com os animais. Sem ofensa, mas você meio que se encaixou nessa conta. Eu não estou surpresa que ela sabia. Mas eu me pergunto se alguém mais sabe."

"Somente se os seus pais lhes disseram. Sua avó está incomodada o suficiente, para que eles procurassem os lobisomens. Bruxas devem olhar para fora das bruxas é o que ela parece pensar. Eu não acho que ela teria dito a alguem. Eu nunca tive qualquer contato com os membros do coven. Não precisava disso."

Ele desviou o olhar pensativo e depois de volta para ela. "Todos esses demônios. Fora a céu claro. Não faz muito sentido, por que eles estão vindo atrás de você assim. Você tem uma explicação em tudo?"

"Opa, espere um minuto. O que disse Dina lá em cima. Você tentou me matar?"

Ele riu. "Se eu quisesse que você morresse, você estaria morta, Princesa. Lobisomens não são conhecidos por perder uma morte. Eu disse por que estou aqui. Depende de você acreditar em mim ou não. De qualquer forma, fiz uma promessa aos seus pais, que não tenho intenção de quebrar."

Ava apertou os dedos ao redor dele, mas desta vez foi a primeira a desviar seu olhar. Sua mente gritava para lhe perguntar. Para descobrir. Ela tinha que saber. "E o que dizer... o que aconteceu, hum, mais cedo. Isto tudo é parte do pacote de proteção ou há algo um pouco mais entre nós?"

Ele escorregou a mão da dela para capturar o queixo. Ela manteve os olhos abaixados, enquanto puxava o rosto para o dele.

O hálito quente acariciou seu rosto, enquanto suas cabeças se aproximaram.

"Para citar a sua avó, o que seu instinto lhe diz, Ava?"

Esse era o problema. Ela continuava a perder o controle quando ele estava assim. Sua mente desligava. Seu estômago se agitava.

Sua libido a pegava. Toda vez que ela olhava em seus olhos, passava pela fenda de seu queixo, revisava seu corpo magro, tudo e tudo, mas um curto circuito.

Eles realmente deveriam desacelerar. Mas porra, ele tirou esta necessidade em sua dor. Lembrou-lhe que ela era uma mulher.

Que faria qualquer coisa para senti-lo dentro dela novamente.

A cadeira se arrastou pelo chão, e alarmada, Ava se encolheu. Ela relaxou ao perceber que Aaron usava a mão livre para puxá-la mais perto dele. Posicionada, então presa entre ele e sua própria cadeira.

Ela tentou olhar em seus olhos, mas teve de se afastar depois de um momento. Fome de algo diferente do que o alimento enquadrava as bordas de sua íris. Ela poderia se perder nesse olhar e nunca mais querer voltar.

"Ava?" Sua voz retumbante caiu para quase um rosnado baixo.

“Humm.” Ela ainda não conseguia olhar para ele. Algo sobre a sua proximidade, o escrutínio de fogo a fez tremer.

Sua boca pressionou contra seu pescoço antes que ele se afastasse.

"O que..."

Lábios macios roçavam-lhe o queixo. "Será que..."

Ela se mexeu e ele recheou sua mandíbula com carícias suaves.

"É..."

Um gemido escapou de seus lábios quando seu dedo acariciou todo seu rosto. Ele se inclinou e ela arrastou os olhos fechados.

“Diga?”

Seus lábios pousaram em sua boca e ela mudou as mãos para capturar seu rosto. Ele soprou em suspiro contente, quando se derreteu contra ele. Se algum deles tivesse qualquer dúvida do instinto que tinha a dizer sobre, quebrou na força do seu beijo.

Ela não sabia quanto tempo eles ficaram assim. Ela só conhecia o gosto dele. A sensação dele em seus lábios e seus dedos. O cheiro de terra dele, em poucos momentos ela prendeu a respiração.

Puxou os lábios em sua boca e mordeu suavemente, resultando em um gemido baixo dele. Ele delicadamente se afastou para exalar fortemente. "Eu sei que eu comecei, mas Princesa, se não pararmos agora..."

Ava lutou sem sucesso com o desejo de olhar para o relógio na parede, em um esforço para descobrir onde os outros poderiam estar no momento. A idéia de uma rapidinha era tão ruim? Irritada, ela balançou a cabeça mentalmente, mas fisicamente acenou para ele.

"Você está certo, eu acho."

Deu-lhe mais um beijo duro. "Uma vez sob o telhado da Avó, é ruim o suficiente. A segunda vez, e ela vai ter as minhas bolas. Depois que você estiver a salvo, vou levá-la de volta à minha casa onde podemos continuar isso corretamente, ok?"

"Esta não é a casa da Avó." Seus lábios se curvaram em um lento sorriso. "É minha."

O olhar assustado em seu rosto era impagável. Ela poderia quase ver um novo plano formular em sua mente.

Sua voz caiu para um sussurro rouco. “Tem certeza? Você não quer mudar de ideia?"

"Ava." insistiu ele, com a cabeça balançando de um lado para o outro. "Nós temos questões importantes a discutir. Esta situação do demônio para descobrir."

Com os pés, ela empurrou a cadeira para trás dele.

Levantando à sua altura total, enquanto seu corpo ondulava. Ela traçou e testou o peso dos seios, deslizou suas mãos para delinear a cintura e quadris. Roçando levemente sobre o interior de suas coxas.

"Nós temos." ela concordou. "É que eu estou me sentindo tão perto de você agora. Protegida com você aqui. Não me importaria de demonstrar a minha... hum... apreciação."

O olhar de Aaron seguiu o movimento de suas mãos. Ela se sentiu como um encantador de serpentes; Aaron era a cobra. Ele soltou um gemido estrangulado diante dos olhos vidrados a focando novamente. "Os demônios, Ava." Ele não fez nada para disfarçar a dureza em sua voz.

Ele estava determinado a manter sua mente em uma pista. Ela estava determinada a senti-lo contra ela novamente.

Ela também estava determinada a vencer.

"Tudo bem, Aaron. Basta pegar algo fora da despensa, ok? Siga-me." Haveria bastante privacidade lá, pelo menos, deixa-lo quente e incomodado. Talvez disposto a segui-la lá em cima novamente.

Ela foi com um sorriso de satisfação nos lábios, contente na antecipação do seu cumprimento inevitável. Como ela imaginou, a cadeira de Aaron raspou contra o chão de azulejos.

Ele a seguiu dentro da pequena sala superlotada com alimentas de panificação, massas secas e diversos itens encaixotados. Perto de uma das prateleiras ao fundo, ela encontrou a cesta de itens que procurava. “Pronto!” Ela disse, enquanto acenava um pacote embrulhado com um floreio.

Ele encostou-se a uma prateleira, os braços cruzados. Ela empurrou a parte de trás da cesta no lugar e, em seguida, rasgou o embrulho.

Sem levá-lo em conta, ela quebrou um pedaço do meio amargo chocolate e colocou em sua boca.

Oh, Senhor. Foi orgásmica.

Ela gastou muito dinheiro em doces finos, mas de vez em quando, quando seu desejo por sexo golpeava picos astronômicos, ela se entregava a um pequeno pedaço. Os pequenos pedaços de êxtase trouxeram o céu a cada momento. Da mesma forma que agora?

Ela gemeu em aprovação. Valeu seu peso em ouro.

"Cristo, não faça este som novamente." Aaron parecia rouco. Quase como se fosse um esforço para falar.

Ela rodou o chocolate em sua boca, deixando-o começar a dissolver, antes de um suspiro escapar. "Eu não posso ajudá-lo. Esta coisa é melhor do que sexo."

"Eu vou ter que testar essa teoria por mim mesmo, obrigado."

Ele se aproximou e ela levantou o pacote para ele.

“Experimente.”

Aaron chutou a porta da despensa e fechou.

Ele a puxou por seu punho, batendo o pacote no chão no processo. Ele abaixou a cabeça para a dela e procurou seu rosto. "Sim. Deixe-me prová-lo."

Sua boca caiu sobre o dela.

Eu-foda-reka.

A língua de Aaron sondou sua boca e com relutância, ela se abriu para ele. Tentou engolir o restante do chocolate, mas ele retirou o seu próprio. Em seguida, deu-lhe de volta.

Ele a arrastou para mais perto, sua ereção crescente pressionando contra a sua barriga, enquanto eles se beijavam. Muito rapidamente, o chocolate derreteu, deixando apenas o gosto persistente na boca.

Suas mãos ágeis caíram para suas calças, empurrando-as para baixo em um movimento rápido. "Agora vamos comparar o chocolate ao sexo."

Ele virou-se em torno dela, empurrou-a para frente, até que ela se curvava na cintura. Caixas de papelão e embalagens de celofane ignoradas, Ava agarrou a prateleira em uma mão e apoiou-se na outra. Os sons de roupa farfalhando enviaram uma corrida de calor através dela.

O pênis de Aaron sondou sua entrada lisa e antes que ela tivesse a chance de se preparar mentalmente, ele se afundou em sua profundidade.

Ainda ferida de antes, ela gemeu. Se possível, isto se sentiu maior e mais duro do que tinha antes. Quase demais.

O pensamento mal passou pela sua mente quando ele ficou rígido. Suas palavras foram sussurradas contra seu ouvido, sua pélvis ainda pressionada contra seu rosto. "Sssh. Dina esta fora daquela porta."

Ava ouviu então. Passos fracos no azulejo. A abertura e fechamento da porta da geladeira. Era difícil dizer o que fez seu coração bater mais forte: a perspectiva de ser pega, enquanto ele permanecia enterrado profundamente dentro dela ou o fato de que ele conseguiu permanecer desperto o suficiente *para estar* enterrado profundamente dentro dela.

Sua voz baixa fazendo cócegas em seu ouvido novamente. "Nem um som. Pode fazer isto?"

Sentindo-se decididamente má, ela balançou a cabeça.

Quase gemeu quando retirou seu pau, em seguida, empurrou em sua boceta de novo, mas manteve o ruído em cheque. Ela se estendeu ao redor dele. Tomou tudo dele, que empurrou centímetro por centímetro dolorosamente lento.

Sibilou o fôlego quando ele empurrou, forçou a buscar a respiração quando puxou. Seu ritmo acelerado e assim fez o seu. Lutou consciente para não fazer um som, apesar das ondas de prazer ecoando sobre ela.

As mãos de Aaron serpenteavam sob sua camisa, para agarrar seu balanço. Seus polegares apertados sobre seus mamilos, despertando-os em picos endurecidos. De grosso modo, ele puxou para baixo as taças do sutiã, expondo-a ao ar, enquanto continuava a rolar seus mamilos.

As espirais de prazer, construíram uma rápida pressão em seu primeiro aviso. Ela agarrou seu braço, afundou os dedos em sua carne para que ele soubesse. Ele ajustou seus golpes, alternou entre lento e longo, raso e rápido.

Sua cabeça caiu sobre um braço enquanto ela cerrou os olhos. Quase lá...

Ele beliscou os mamilos mais uma vez e Ava deslizou de cabeça em um orgasmo. Sua boceta pulsava ao redor dele, puxou-o para dentro dela, Aaron ofegava, seu suor começando a cair quente em suas costas. Ela arqueou as costas para ele, revirando os quadris para combinar com o seu ritmo.

Ele aumentou o ritmo, mudou de ângulo e uma segunda onda de calor percorreu através dela. Tão perto da última.

Tinha que levá-lo com ela desta vez. Precisava dele com ela.

Ela arrastou os lábios em seu braço, beliscando suavemente, encorajando-o.

“Mais forte! Mais rápido.”

Sua mão caiu entre as coxas dela e encontrou seu clitóris duro. Sua mão acariciou a dela.

Brincando com ela. Excitando-a.

Quebrando-a.

Os dedos de Ava se apertaram sobre ele. Na prateleira.

Ela afundou as unhas na carne macia. Unhas quebraram inflexíveis contra a madeira.

Aaron respondeu à chamada de sua boceta empurrando profundamente mais duas vezes. Seu corpo se enrijeceu e depois verteu em rajadas urgentes, enchendo-a completamente.

A sala voltou lentamente em foco. O aroma de mofo no papelão. O relógio além da porta fechada. E deixou a lata de farinha, não estava bem fechada?

Depois que eles tanto buscaram ar e a respiração ofegante, Aaron escorregou para fora dela e o sentimento de perda foi imediato.

Felizmente, ele manteve seus braços em volta do tronco.

"Não." ela resmungou baixinho contra o seu braço. "Definitivamente não é melhor do que sexo."



Ela sentou-se grogue. Abafou um bocejo. Ignorou o grito dos músculos e a dor entre suas pernas.

O brilho suave de sua lâmpada de mesa refletiu, movendo-se pesadamente ao brutal homem sentado lá.

"Não consegue dormir?" ela disse, depois de perder a batalha para não bocejar.

A Avó ainda não tinha piscado um olho, quando Ava anunciou que Aaron passaria a noite. Ava preparou a desculpa que fazia sentido, com o ataque duplo de demônios, e que sua presença poderia ser necessária. Ela ainda não tinha chegado nessa parte, quando sua avó assentiu. Ava tinha sequer coragem, para a próxima pergunta que deveria ter sido colocada como seriam arranjos de seu sono? Se a Avó não tinha dito nada sobre o que queria. A falta de argumento a deixou um pouco abalada.

"Eu estive pensando sobre os demônios. Por que agora? Diga-me! O que mudou recentemente para você. Pode haver algo aí."

Ela encolheu os ombros e, em seguida limpou a sonolência. "Nada no que eu possa pensar. Foi à mesma velha coisa dos poucos últimos anos. Aulas, aulas e mais aulas. Dia dentro, dia fora."

"Você está ficando melhor? Pegou todas as habilidades especiais que surpreendeu você ou sua avó?"

"Não que eu notasse."

"E sobre as suas ferramentas? Você tem todas elas ainda?"

"Não. Eu ainda preciso conseguir pelo menos um Athame, o Cálice e o Caldeirão. Eu tenho um Livro das Sombras pessoal. As conferências familiares no Livro das Sombras, que eu meio que herdei de minha Avó. Ele foi brevemente usado por minha mãe."

"É aí que seus feitiços são registrados, certo? No Livro das Sombras?”

"Sim." ela balançou a cabeça em direção ao baú trancado, onde armazenava o que precisava. "Aqui está o da família e tem muita poeira. Tem sido transmitido por um tempo muito longo, pelo que eu entendo."

"Sua Avó está subindo."

Lobisomens realmente têm uma audição sensível. Ela não tinha ouvido uma coisa. Ambos olharam para cima quando uma batida suave soou na porta.

Ela deu de ombros na expressão divertida de Aaron, e depois disse. "Entre."

A Avó entrou e por um momento, Ava se viu na mulher mais velha. Podia ver como ela se pareceria com a sua idade. Régia e refinada. Não era uma combinação ruim.

"Eu não conseguia dormir e ouvi suas vozes. Não parecia um momento inoportuno."

Seu rosto acalorado. As paredes finas novamente. Ela teria que substituí-las um dia.

Aaron limpou a garganta. "Nós estávamos discutindo, por que os demônios estão aparecendo."

A Avó tomou a cadeira à sua frente. "Eu estive pensando sobre isso também." Ela se recostou contra a cadeira e parecia pensar por segundos. "Eu poderia ter uma explicação. Mas primeiro, eu realmente devo começar com um pedido de desculpas."

Pedido de desculpas? Em seus 26 anos, Ava nunca tinha ouvido falar da Avó pedindo desculpas. Para qualquer coisa. Nunca. A mulher era infalível. Ela sabia de tudo. Via tudo. Fazia de tudo um pouco abaixo da perfeição! Pensando bem, talvez não perfeita, mas ela conseguia um bom trabalho de parecer dessa forma.

Ela olhou para Ava. "Eu tenho estado tão zangada com sua mãe que falhei com você, Ava. Deveria ter explicado um monte de coisas há muito tempo para você. Acabei de estar tão brava com ela. Tomada tão cedo de mim."

"Estou com raiva dela por deixar-nos também, Avó." Ela quase se levantou para pegar sua mão.

"Nenhum de nós já lhe disse, Ava, que você é muito especial. Agora, não vá conseguir subir sua cabeça sobre isto. Eu minimizei o seu título honorífico apenas por essa razão. Mas menina, apesar do que você pensa, é mais do que apenas um título. Isso significa que você

seguirá o meu caminho e vai trabalhar neste sentido, eventualmente tornando-se a Sacerdotisa do coven. Mas no seu caso..."

Sua voz foi sumindo e os olhos entorpecidos por um breve momento. A hesitação vacilou.

"No seu caso, você é uma filha de uma longa linha de altas Sacerdotisas. A décima terceira princesa para este coven."

“Ei!! Treze?”

"Então, esse número realmente importa?" perguntou Aaron.

Ava não podia falar. Apenas acenou para ele. XIII em uma linha de treze anos. Não só isso, mas a *filha* XIII.

Ela só bateu a bruxa ao equivalente a ganhar na loteria.

"É por isso que a mãe dela o procurou Aaron. Ela sabia que Ava precisaria de proteção, além da que o coven poderia fornecer. Ela precisaria de você e seu tipo, para nos ajudar." Lágrimas brotaram nos olhos da Avó, mas ela as enxugou apressadamente. "Eu falhei com Ava por não prepará-la. Poderíamos tê-la perdido hoje, por causa da minha teimosia. Eu só comecei a suspeitar depois do primeiro ataque do demônio. Não foi até o segundo que se tornou absolutamente certo."

"Eu ainda não entendo. O que há de tão especial sobre isto agora, Avó?"

"O Livro das Sombras está prestes a ser oficialmente atribuído a você. A décima terceira princesa vai ganhar a capacidade de usar os feitiços mais poderosos, do que qualquer outro, antes ou depois dela. Você, Ava, é, por assim dizer, o pior pesadelo dos demônios."

Capítulo Cinco

Mesmo com a respiração reconfortante de Aaron ao lado dela, Ava não dormiu o resto da noite. A luz do sol espiou pelas janelas, quando ela finalmente desistiu e se enrolou ao lado dele, em pensamento profundo.

Isso não era algo que queria para si mesma. Não era algo que jamais teria pedido. Tinha sido dada para uma das maiores potências, alguém que jamais poderia ter.

Ela seria um alvo para o resto de sua vida natural, no entanto longa ou curta que possa ser.

Cada momento que perdeu nos últimos anos, vários não atendendo aos seus estudos. Cada momento que deveria ter sido gasto na aprendizagem sobre o coven e sua história. Cada tempo que negligenciou o dever atribuído em nome de Acordos. Todos eles sob o peso de uma tonelada de tijolos.

Ela não podia culpar a Avó. Estava tão em falta por sua ignorância, como sua avó. Não levou o coven seriamente. Isto estava lá. Como respirar. Nunca lhe deu um segundo, porque o pensamento rodeava tudo o que ela fez no mundo.

Agora sua vida dependia disso.

E ela se sentiu como uma tola.

Muito tempo se passou para começar a se comportar de uma maneira que fariam seus pais e sua avó orgulhosos. A si mesma orgulhosa. Em poucas horas, ela pediria a Avó para montar o coven e começar a prepará-la. Ela não queria arrastá-los em sua luta, mas precisava da ajuda de todos para se preparar. A torção do destino tinha roubado seu treinamento essencial de anos. Não permitiria que isso fosse uma desculpa por mais tempo.

O braço de Aaron estava embrulhado apertado em volta da cintura. Ela sorriu e olhou para baixo. Ainda dormindo como um bebê.

Ela precisava dele ao seu lado, também. Não apenas como seu amante, mas também como seu protetor. Eles haviam sido jogados juntos em uma situação explosiva, mas ela queria tempo para conhecê-lo melhor. Ver aonde seu relacionamento poderia levar.

Foi à deriva com os pensamentos dele em sua mente.



"Isso não é exatamente negócios do coven. E se for, *ele* não pertence aqui!" Dina bateu seu punho contra a mesa de madeira mais de uma vez. O som foi pontuado conforme os painéis de madeira saltavam.

Ava assistiu os outros por sua reação. Alguns pareciam apáticos, alguns acenaram sua concordância com Dina, e outros ainda pareciam confusos. Ninguém falou.

Ela nunca tinha tomado medida dos membros do coven antes.

Eles pareceram um grupo de pessoas que trabalhavam em conjunto para manter o equilíbrio dos seres maléficos em cheque. A maioria eram curadores. Alguns eram adivinhos. Avó e Dina, agora Ava, eram os lutadores. Eles iriam perder essa batalha, se não houvesse equilíbrio dos números entre si.

Aaron estava com os braços cruzados, uma carranca no rosto.

Depois que a Avó e Ava haviam assegurado a casa com um feitiço de proteção em torno dela, ele a deixou por algumas horas para obter uma muda de roupa. Quando ele voltou, anunciou que os membros de seu bando tinham sido informados dos mais recentes acontecimentos. Ao contrário dos membros do coven, a matilha ficou atrás dele na lealdade para com a princesa. Ele esperava que eles chegassem em breve, na revisão com a Avó dos melhores métodos de defesa.

A Avó ergueu a mão para silenciar o burburinho. Sua voz permaneceu nivelada. "Temos a capacidade para equilibrar o poder de Ava permanentemente. Este é certamente negócios do coven, como você colocou, Dina. E Aaron..." ela balançou a cabeça em direção a ele. "...prometeu a si mesmo e ao seu bando a proteção de Ava. Ele tem todo o direito de estar aqui. Como meu convidado. É isso um problema para você, Dina?"

Ava pensou por um breve segundo que poderia, realmente, Dina ter a coragem de discordar novamente. A mulher andou sobre gelo fino. Ela poderia ter sido a próxima na

linha, para seguir a Avó como Sacerdotisa, até que Ava pudesse ter treinada, mas ela não poderia ser tão estúpida a ponto de ir abertamente contra ela.

Dina abriu a boca. Fechando novamente. Abriu mais um tempo, apenas para fechá-la novamente. Ela olhou ao redor da sala, então ergueu o queixo no ar. "Alta Sacerdotisa." ela exalou. "Eu estava lá quando o demônio atacou Ava. O lobisomem não pareceu estar protegendo Ava, então. Não era o desrespeito a você que pretendia, mas estou desconfiada dele."

Ava atirou-se para fora de sua cadeira, sem pensar. Caiu no chão com um estrondo o suficiente, para fazer várias pessoas pularem. "Você quer dizer, que ele não estava me protegendo, quando rasgou a garganta do demônio fora?"

O rolar de seus olhos foi mal disfarçado. "Não é isso, que eu quis dizer, quando nós quatro lançamos os feitiços e o lobisomem estava entre nós e o demônio. Quando apaguei."

Ela trocou um olhar com Aaron. Era isso que aconteceu e ela ainda não conseguia se lembrar. Só poderia lembrar-se do aumento de poder, que fez seus nervos crepitar com a vida.

Ela não tinha nada a dizer a Dina, com que defendê-lo.

Ele não poderia muito bem salvá-la em um momento e depois dificultar as tentativas de salvá-la dos próximos, sem fornecer alguma desculpa válida.

Empurrou-se para longe da parede e desdobrou os braços. "Alta Sacerdotisa, eu sei como isto pareceu..." As sobrancelhas se estreitaram quando seu corpo ficou rígido.

"Os demônios estão aqui!" rosnou. Aaron estendeu uma mão. "Ava, comigo!"

Ela hesitou. Era impossível para os demônios estarem aqui.

O feitiço de proteção poderia deter até o mais formidável dos demônios, por pelo menos um dia. Eles não podiam entrar a não ser que...

Oh, Deusa.

Eles não podiam entrar a menos que alguém os convidou para dentro.

Os sons de pés no assoalho caíam. O aviso de Aaron só poderia ser verdade. Todas as cabeças viraram na direção das escadas. Se demônios rastrearam através das camadas superiores da casa, eles poderiam ser presos em sua localização atual.

Jenna, a mais próxima em idade de Ava e uma das maiores adivinhas poderosas do coven, correu para Ava. Ela cutucou delicadamente. "Vá com ele. Ele irá protegê-la. Eu já vi isso."

A Avó assistiu a troca, mesmo quando Ava continuou a hesitar. "Sua vida é o mais importante, Ava. Vá!"

A Avó, Jenna, os outros... Dina ainda. Ela não poderia deixá-los para trás. Não apenas para salvar a si mesma.

"O que você está esperando, menina? Vá!" A Avó empurrou as mangas do seu manto revelando seus braços. Ela estendeu a mão para o livro negro esfarrapado em frente dela. "Leve isso com você. Vai precisar."

Sem pensar, ela pegou e puxou o livro ao peito. Não queria que levassem o Livro das Sombras. Ela não queria sair.

"Estamos dependendo de você, Ava." Os olhos muito castanhos de Jenna brilharam com determinação. "Talvez toda a humanidade. Você é nossa chance de mantê-los permanentemente seguros. Vá. Por favor."

Ela apertou sua mão com força e balançou a cabeça. Antes de se afastar, olhou para Jenna. "Todos devem ficar fora. Não fiquem aqui."

Tomando a mão estendida de Aaron, ela correu com ele para a porta que conduzia diretamente para o exterior do Sótão. Dina ficou ao lado dele, com as mãos estendidas e em um vermelho brilhante. Ela os bloqueou, enquanto corriam em sua direção. Então, entrou no seu caminho.

"Eu não posso deixar você sair com esse livro, Ava."

Ela não entendeu no início. Apenas o rosnado profundo de Aaron a levou a compreender o que Dina falava. O que ela pretendia fazer.

Então, ela pensou no andar de cima e os demônios. O único meio que eles poderiam ter ganhado a entrada da casa. Um convite por alguém de dentro.

Não.

Mesmo com suas brigas constantes, elas eram primas. Parentes de sangue. Dina conseguiu da Avó o controle temporário do coven. Não fazia sentido.

Aaron passou ao lado dela. Quase se colocou entre as duas mulheres.

"Fique onde está lobisomem. Eu não tenho que te destruir, mas vou." A voz de Dina ecoou com um fervor frio. Ela manteve seu olhar sobre Ava. "Dá-me o livro e vá embora. Isso é tudo que quero."

Ava balançou a cabeça. "Eu não posso fazer isso, Dina."

Os membros restantes do coven cantaram em proteção da escada. Ela podia ouvir a voz da Avó os levando. Eles não tinham idéia do que acontecia a menos de 25 metros de distância.

Aaron ficou tenso, mas Dina girou em sua direção.

"Se você tentar se transformar, lobisomem, vou te destruir. Não. Me. Teste." Ela apontou um lado brilhante para Ava.

"Há demônios no andar de cima e de fora. Se você me der o livro, eles vão embora. Eu vou ter certeza. Todos vocês sairão daqui ilesos."

Ela não podia ter certeza disso. A bruxa que traíra descaradamente o coven, com os demônios não poderia ser confiável.

Mesmo com suas vidas coletivas na balança, Ava teria que usar as habilidades que possuía para sair desta bagunça.

Com uma respiração profunda, Ava fechou os olhos. Fez sair os poderes que haviam sido transferidos para baixo dela, através de seus antepassados.

"Ava, não."

Ela chegou para as palavras, os feitiços que já tinha aprendido. Os novos que ela passou com a Avó parte da noite, a consumindo. Invocando os sentimentos de poder e proteção que ela precisava.

"O seu último aviso, Ava."

Ava abriu os olhos a tempo de ver o raio de energia, fogo indo para ela como um foguete. Jogando seu braço para frente, ela lançou seu próprio feitiço, já percebendo que era tarde demais.

O feitiço de Dina iria pegá-la primeiro. Mas pelo menos, ela iria para baixo lutando.

Com uma velocidade relâmpago, Aaron empurrou-a para fora do perigo conforme ele entrava. Quando a espiral bateu em seu peito, seu rugido de dor reverberou contra as paredes. Seu corpo ficou tenso e em seguida, caiu no chão. Um longo arrepio passou por cima dele e o pegou.

"Não!" Ava gritou quando seus olhos se encheram de lágrimas.

Largando o livro, ela se virou para ver que Dina tinha sido ferida pelo feitiço. Sem esforço consciente neste tempo, ela jogou as mãos para frente e depois liberou uma espiral de energia para sua prima. Dina desviou-se, mesmo em um estado enfraquecido, enquanto outros chamuscando sua roupa e carne. Até o momento, a onda da raiva de Ava estava em pico, Dina jazia no chão. A luta passou por seus olhos.

Atrás dela, o barulho de passos múltiplos no concreto correndo para Ava. Houve gritos de pânico em meio aos murmúrios de magias. Os demônios devem ter entrado deste lado.

Ela lutou com o sentimento de satisfação de bater em Dina, que simultaneamente, se levantou com medo. Remexendo as mãos trementes pelos cabelos dela, olhou para o imóvel corpo de Aaron, incapaz de pensar no feitiço certo. Um que pudesse curá-lo agora. Sua pele já parecia cinza. Ela se agachou ao lado dele.

Agradecendo ao Deus e a Deusa, que podia ver a ascensão e queda do peito. Respirações trabalhando rápidas e superficiais, mas estavam lá.

Ela enxugou as lágrimas com as costas da mão e lutou contra o pânico que se estendeu através dela, mantendo sua mente fixa. *Quais eram às malditas palavras?* Ela precisava da Avó.

Ela saberia o que fazer.

Os outros lutavam suas próprias batalhas, embora. O fedor de enxofre nublando o ar fazendo com que algumas das bruxas sufocassem.

Ava levantou-se e parou sobre Aaron, determinada a não deixar seu lado.

Ela quase virou com o barulho atrás dela, mas manteve seu foco, treinados sobre os demônios executando o coven para baixo. Uma rajada de ar fresco soprou no quarto, amenizando o odor nauseante.

A porta atrás dela estava aberta, mas manteve-se focada.

Os membros do coven na segurança dela, jogando seus feitiços em ondas implacáveis dos demônios que se aproximavam. Porque, assim como muitos demônios que foram derrubados, outros dois apareciam em seu lugar.

Horrorizada, ela reconheceu que as bruxas estavam perdendo.

Olhou para o corpo de Aaron uma última vez. Sua respiração desacelerou deixando-o com uma aparência serena.

Se não fosse pela poça de sangue que se formou debaixo dele, ele poderia ter estado apenas dormindo.

Foi quando ela ouviu os rosnados baixos e os dentes atrás dela. Ela quase chorou de alívio quando a horda de lobos, se derramou pela porta aberta e correu atrás dela.

Continua...



Acesse meu blog: http://angellicas.blogspot.com

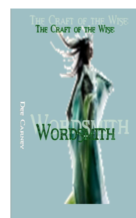
Próximos:











Lançado